

Grupos internacionais revolucionam a música

Aray Nabuco

Desde que os ventos revolucionários do início do século atingiram em cheio os ícones sagrados do meio artístico, e os clichês que representavam, o Brasil se ressentiu de um sopro de vida. No entanto, esta semana, a terra de Carlos Gomes foi "desvirginada" e dessacralizada por representantes da última geração dos intrépidos e revolucionários compositores eruditos do início do século. Os contemporâneos e experimentalistas.

Carlos Gomes e suas "árias wagnerianas" deve ter revirado no túmulo com o Ensemble Antidogma Musica, com seu repertório moderno e experimental; ou com o Trio Franco-Brasileiro, com suas garrafas de champagne, serrote, bola de golf entre outros, mandando ver com sua percussão performática. Mas isso ainda não é tudo. Semana que vem, tem Grupo Bruno Maderna, outro representante desses "malucos" que subverteram a ordem da história da arte.

O Antidogma, o Trio Franco-Brasileiro e Bruno Maderna estão na programação do 26º Festival de Música Nova, que acontece todo ano em Santos e São Paulo e fazem uma extensão do festival em Campinas, pelo Ciclo de Música Contemporânea Internacional Campinas 90 — é a primeira vez que acontece e, segundo José Augusto Mannis, um dos organizadores, deverá acontecer periodicamente.

Antidogma: silêncio e gestos nas partituras

O Ensemble Antidogma Musica, fez uma única apresentação no Centro de Convivência na última terça-feira. Na bagagem do grupo italiano (de Turim), mais de 40 anos de tradição experimental e contemporânea, vividos na Europa com furor. No currículo de seus integrantes e dos que "flutuam" no Antidogma, nomes como K. Stockhausen, Pierre Schaffer, Giacinto Scelsi, John Cage e Von Karajan denunciam suas preferências experimentais e o peso do grupo no contexto da produção contemporânea.

As pessoas que não decifram a mensagem contida no nome do conjunto (antidogma) tiveram que amargar algumas decepções, ou simplesmente saíram do teatro. Em lugar de um discurso musical "lógico", recheado de clichês musicais, encontraram um universo sonoro muito diferente — por aqui pouco difundido — onde o barulho do dedo no instrumento, o silêncio ou um gesto são incorporados na partitura como música.

Talvez, para o público ainda não "desvirginado", o ponto mais "radical" do show do Antidogma, tenha sido a música "Ko-Tha", de Giacinto Scelsi, interpretada pela violonista Dora Filippone. Em estado de absoluta concentração, Dora toca o violão não como um mero instrumento, pois este recebeu novas funções musicais, timbrísticas e novo tratamento. O violão acabou ficando parecido com o koto, japonês,

com sons de cítara indiana. Ele ficou deitado sobre um cavalete e Dora, quase em posição de "lotus", ao seu lado.

Dora estudou com Giacinto Scelsi — um autor que o próprio Antidogma descobriu e divulgou — e foi a primeira a interpretar "Ko-Tha" na Itália. No momento da execução, Alberto Rizzuti explica que a música foi uma interpretação pessoal de Scelsi sobre uma das danças de Shiva, a deusa hindu. Durante a execução, as cordas são puxadas violentamente e a caixa acústica do violão quase vira com as batidas fortes de suas mãos.

Mais tarde Dora explica que a afinação das cordas segue a afinação dos instrumentos indianos e foi ela quem definiu. E por um quase acaso descobriu mais tarde que a afinação dela tinha como nota fundamental o Si, a nota preferida de Scelsi. "Ko-Tha" só foi bem aceita pelo público italiano depois da nova afinação — antes ela era apresentada com afinação normal de violão.

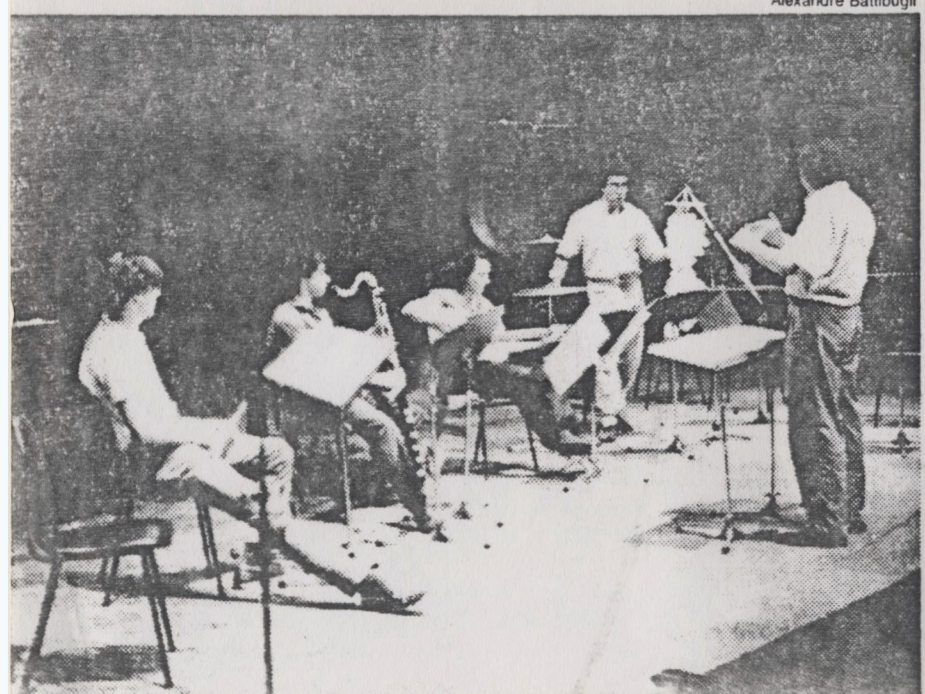
Porém, do vasto repertório erudito contemporâneo do Antidogma, apenas uma parte foi apresentada no Brasil. E também, dos vários "integrantes" do grupo, apenas dez vieram. O Antidogma tem uma formação diversificada que vai de duo a orquestra de câmara, mantendo sempre um núcleo principal.

Mesmo assim se apresentaram para o público, Giulio Castagnoli, o percussionista do grupo e com-

positor, Giacinto Scelsi, Gyorgy Liget, Enrico Correggia, o regente e também compositor e Niccolò Castiglioni. Deixaram para uma próxima, James Dillon, John Cage, C. Maxias, Bernard Cavaná, entre outros. Para aqueles que se interessaram pelo grupo, não deixe de ouvir "Rotative", de Scelsi e "Mohn und Cedaechtnis", do regente Enrico.

O repertório da turnê brasileira, centrado em autores franceses, espanhóis e principalmente italianos, é intencional. Segundo Dora Filippone, o grupo é subvencionado pelo Ministério da Cultura italiano e prefeitura de Turim, por isso, assumem uma espécie de compromisso na divulgação da música italiana. Mas isso não é nenhuma lei ou norma, é só uma maneira de fazer jus aos incentivos. Eles têm até compact disc gravados.

De Campinas, o Antidogma está levando um presente dado ao flautista Tommaso Valletti. É uma coletânea das obras de Carlos Gomes — "O Guarani", "Mogi Guaçu" etc — que disse conhecer pela fama que tem na Europa. Entre os contemporâneos, segundo ele, Carlos Gomes é mais um clichê da música erudita feita até a virada do século. O grupo realizou também um workshop na Unicamp com a presença de aproximadamente 70 pessoas, o mesmo número que teve no concerto realizado no Centro de Convivência.



Apenas dez dos vários músicos que integram o "Ensemble Antidogma Musica" estiveram em Campinas para a apresentação do concerto realizado no Centro de Convivência. No repertório, as vertentes da música experimental da Itália, França e Espanha.

O Trio Franco-Brasileiro é integrado pelos brasileiros Carlos Tarcha e Joaquim Abreu, do "Duo Diálogos", e Thierry Miroglio, na foto ao lado.

Performáticos trazem instrumentos inusitados

O Trio Franco-Brasileiro está em turnê pelo Brasil e aproveita para se apresentar no Festival de Música Nova e no Ciclo Internacional. A única falha na apresentação do trio em Campinas foi não terem conseguido um outro espaço que não o Ciclo Básico da Unicamp, pois todos os teatros estavam ocupados, o que limitou a apresentação do grupo aos estudantes que puderam estar na Unicamp quinta-feira, às 12h30. Como se grupos como esse pipocassem na programação da cidade.

Mesmo assim o francês Thierry Miroglio, e os brasileiros Carlos Tarcha e Joaquim Abreu, mostraram seus "mil-sons" com uma boa dose performática. Da programação inicial, eles deixaram de apresentar "Plus Outre", por falta de condições do local onde tocaram.

A formação "moderna" do grupo fica clara já na maneira como integraram o trio: através de fax, telex e muitos telefonemas internacionais. A isso, muito contribuiu o Centro de Documentação de Música Contemporânea, que tem algumas "bases" espalhadas pelo mundo e uma na Unicamp. Através desses "aparelhos tecnológicos", eles puderam se conhecer e conhecer suas afinidades musicais. Trocaram partituras e acabaram definindo as músicas "Pins-Squash", "Kronos", "Volume em Sombras", "Plus outre", "De la Transmutatione de Metallum IV" e "Ensaio 90". Durante a turnê, algumas variações no repertório.

"Pins Squash" é tocada inteiramente com duas raquetes de ping-pong, enquanto o francês Thierry se torna o juiz da "partida" musi-

cal, com cartão amarelo, apito e tudo. Thierry estudou música em Paris e atualmente é professor de percussão no Conservatório Chilly Mazarin e conselheiro artístico da Sociedade Francesa de Música Contemporânea, na área de percussão.

Carlos Tarcha e Joaquim Abreu já formavam o "Duo-Diálogos", criado em 87. Ambos são professores da Escola de Comunicação e Artes da USP. O objetivo fundamental do Duo-Diálogos é divulgar o repertório contemporâneo de percussão.

O Trio faz parte de um intercâmbio Brasil-França. Este ano estão no Brasil, divulgando obras de compositores europeus. Ano que vem, vão pra França divulgar obras de compositores brasileiros